

AGRADECIMENTOS

- A todos os meus amigos sacerdotes do passado, do presente e do futuro por serem motivação ao longo do meu ministério em servir a Deus nas pessoas dos meus irmãos, de maneira especial: Mons. José Carneiro Pinto, Mons. José Catarino Umbelino, Pe. Agenor Roberto da Silva, Pe. Celso Antônio Lelis Diogo, Pe. Cláudio Antônio Braz, Pe. Francisco Ferreira da Silva, Pe. Jésus Andrade Guimarães, Pe. Wagner Scarponi e Côn. Sebastião Camilo de Almeida.

- Ao Pe. Luiz Gonzaga Scudeler CSsR, Ir. Marlene Silva e Assessoria de Marketing da Arquidiocese de Pouso Alegre que lapidaram esta obra com maestria.

- Obrigado, Dom Mauro Montagnoli, CSS, por aceitar prefaciá-la esta obra.

- Sou imensamente grato a todos os amigos e amigas de maneira especial Ir. Elena Bini, Fernando Freitas, Maria Batista Lemes, Ir. Maria Lucia de Souza e Maria Piedade Faria, que ensinam o valor da amizade e gratidão.

- Agradeço meu pai, José Eugênio dos Santos, meus irmãos, Benedito Flávio e Cláudia Renata, e aos sobrinhos Thiago, Taciana e Pedro Samuel por estarem sempre comigo.

- A você, leitor, que está prestes a embarcar nesta viagem do “Ser Sacerdote”.

Em memória:

- Alzira Oriolo dos Santos, que pelas orientações de mãe, pedagoga e psicóloga estimulou em mim o exercício livre das ideias.

- Mons. Vicente Pereira Gomes e Mons. Pedro Cintra, que ensinaram a dimensão do ser e agir como sacerdote.

ABREVIATURAS

CB	Cerimonial dos Bispos
CDC	Código de Direito Canônico
CIC	Catecismo da Igreja Católica
DAP	Documento de Aparecida
EA	Ecclesia in America
EE	Ecclesia de Eucharistia
EG	Evangelii Gaudium
EM	Eucharisticum Mysterium
EN	Evangelii Nuntiandi
ES	Ecclesia Semper
IGMR	Introdução Geral do Missal Romano
ID	Inaestimabile Donum
LG	Lumen Gentium
PO	Presbyteriorum Ordinis
PRR	Pontificalis Romani Recognitio
SC	Sacrosanctum Concilium
SO	Sacramentum Ordinis
PDV	Pastores Dabo Vobis
PO	Presbyteriorum Ordinis

PREFÁCIO

A partir do Concílio Ecumênico Vaticano II a Igreja Católica tem dedicado estudos e reflexões sobre o ministério e a vida dos presbíteros. Através de diversos documentos a Igreja reconhece que sem sacerdotes não conseguiria viver a fundamental obediência à ordem de Jesus: “Ide, pois, ensinai todas as nações” (Mt 28,19) e “Fazei isto em minha memória” (Lc 22,19; cf. 1Cor 11,24). É a ordem de anunciar o Evangelho e de renovar cada dia do sacrifício do seu Corpo entregue e do seu Sangue derramado pela vida do mundo.

Muito se tem dito sobre a crise de identidade do sacerdote que nasceu nos anos imediatamente sucessivos ao Concílio, crise essa fundamentada numa compreensão errada, por vezes mesmo deliberadamente tendenciosa, dos ensinamentos conciliares. Aí se encontra, sem dúvida, uma das causas do grande número de sacerdotes que abandonaram o ministério sacerdotal.

Levado pelo seu zelo de pastor Dom Edson Oriolo, bispo Auxiliar da Arquidiocese de Belo Horizonte, dá sua contribuição na compreensão do “Ser Sacerdote”. Como o Papa São João Paulo II, na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Pastores Gregis*, “recordou que os presbíteros devem receber um ‘afeto privilegiado’ do bispo, não somente porque entre ele e seus presbíteros existe uma verdadeira comunhão sacramental, em virtude da comum participação no único sacerdócio de Cristo, mas também porque os presbíteros são os principais e mais íntimos colaboradores no seu ministério” (cf. n. 47).

O próprio autor afirma que com esta obra quer apresentar algumas indicações e luzes para que os sacerdotes possam exercer seu ministério com amor, personalidade, dedicação exclusiva, amando o povo de Deus que lhe foi confiado para pastorear.

Muito oportuno o tratado sobre a Identidade Sacerdotal, um verdadeiro e próprio estatuto social do sacerdote, fundamental para o exercício do ministério presbiteral, frente às transformações que estão ocorrendo nessa mudança de época.

A partir da eclesiologia do Papa Francisco, que tem suas raízes nos documentos do Concílio Vaticano II, na teologia do Povo de Deus, aprofundados na Conferência de Aparecida, Dom Edson faz uma bela dissertação sobre o sacerdote numa Igreja em saída.

Profunda a reflexão sobre o aspecto ontológico do Sacramento da Ordem que se baseia na imposição das mãos e na oração consecratória, por parte do bispo ratifica o diálogo de amor e liberdade e marca o presbítero com “um vínculo ontológico específico que une o sacerdote a Cristo, o Bom Pastor” (*PDV*, 11).

Interessante a síntese dos documentos da Igreja sobre a concelebração eucarística bem como o valor teológico da mesma porque ela exprime a unidade do sacerdócio, a unidade sacramental do sacrifício eucarístico e a unidade do Povo de Deus.

Por fim, o autor trata da questão das intenções de missas, esportulas e donativos. Após um levantamento histórico muito interessante da questão, apresenta o sentido teológico que fundamenta essa prática e conclui com a regulamentação atual da Igreja para essa prática e o caráter da religiosidade popular que talvez deva ser purificada em alguns aspectos.

A palavra sacerdote significa “aquele que realiza cerimônias sagradas”. Aquele que administra as coisas do sagrado é pessoa inserida no sagrado. Um homem que foi escolhido por Jesus Cristo para ser pastor de ovelhas, pastor com cheiro de ovelhas.

Esta obra vem trazer mais luzes sobre o “Ser Sacerdote”. Primeiro o próprio sacerdote encontra aí conteúdos que o ajudam a se conhecer mais como chamado para o ministério sacerdotal. E, depois, o povo fiel pode conhecer mais e melhor quem é esse homem inserido no sagrado a fim de respeitá-lo, estimá-lo e encorajá-lo na sua nobre e tremenda missão.

Dom Mauro Montagnoli, CSS
Bispo diocesano de Ilhéus - BA

INTRODUÇÃO

O sacerdote continua sendo um personagem muito importante na sociedade contemporânea. Um homem que escolhe ter Cristo como mestre e modelo para a sua vida e transcende essa realidade amando e servindo o Povo de Deus nas comunidades cristãs.

O ministério sacerdotal está passando por uma revolução dramática, não apenas o número de ordenações e de ingressos em ordens religiosas, mas o número de batismos, matrimônios, fiéis praticantes, sobretudo entre crianças e jovens, sofre diminuição.

Na atualidade, nos deparamos com muitos sacerdotes que dedicam a vida a serviço do povo de Deus, participando de reuniões, deslocamentos, viagens, celebrações, eucaristias, congressos, palestras, sendo verdadeiros animadores de esperança para a sociedade contemporânea. No dia a dia vemos sacerdotes corajosos que dão testemunho profético junto aos cristãos. Encontramos sacerdotes criativos que inovam a pastoral, outros buscam uma sólida formação permanente através de cursos, reciclagens, congressos, retiros, encontros para manifestar uma Igreja jovem, dinâmica e animada. Sacerdotes que vivenciam a Escola de Jesus e dos Apóstolos. Homens cheios do Espírito de Deus, que abandonam tudo (Mc 10,28s) para viver em comunhão e amizade com Jesus e se deixar levar por ele a toda parte. São pastores que vão atrás dos que se perderam no caminho e se extraviaram, dirigem-se aos que ficaram à margem do caminho, trazendo de volta, sabendo justamente que isso provoca alegria nos céus (Lc 15,3-7). Verdadeiros servidores da alegria do Evangelho. A alegria do Senhor é a força do sacerdote.

Por outro lado, esbarramos com muitos sofrimentos de sacerdotes: desgaste físico e emocional, solidão, envelhecimento, falta de afetividade, diminuição de vocações, dificuldades de relacionamento fraterno entre o clero e o bispo, entre os colegas, entre pároco e vigário etc. Mas sempre esperançosos em sair da violência neuronal para entregar-se melhor no seu comprometimento com a caridade pastoral.

Assim sendo, a presente obra “Ser Sacerdote” quer contribuir com pistas e luzes para que os sacerdotes (sacer/sagrado – *dthos/fazer*) exerçam seu ministério com amor, personalidade, dedicação exclusiva de entrega e verdadeira ligação com Deus na consagração e possam cumprir o seu ministério com zelo, fidelidade ao Evangelho e alegria, sendo capazes de amar o povo de Deus que lhes foi confiado e vivenciando a grande máxima do Papa Emérito Bento XVI quando afirmou que “a vocação do sacerdote é a oração”.

A obra “Ser Sacerdote” está dividida em cinco capítulos. No primeiro, fala-se sobre Identidade Sacerdotal, que é um tema fundamental para o exercício do sacerdócio ministerial no momento presente e importantíssimo para as transformações que se projetam no futuro.

No segundo capítulo, Oriolo traz contribuição do pensamento do Papa Francisco de como deve ser o sacerdote para uma “Igreja em saída”: ele vive em Cristo, por Cristo e com Cristo a serviço dos homens. O sacerdote caracteriza o binômio “Identidade-Missão”.

No terceiro capítulo, o autor comenta o aspecto ontológico do sacramento da ordem, que é a imposição das mãos e a oração consecratória. Por meio da imposição das mãos e da oração consecratória, por parte do bispo, não só é ratificado o diálogo de amor e liberdade, como se estabelece no presbitério “um vínculo ontológico específico que une o sacerdote a Cristo, Bom Pastor” (PDV, 11).

A concelebração Eucarística é o tema do quarto capítulo. Pela facilidade dos clérigos se encontrarem em reuniões, bem como nas celebrações de exéquias e nas ordenações, o momento alto se dá com uma concelebração eucarística. No entanto, os cenários da ação evangelizadora da Igreja estão caminhando para grandes atividades pastorais. São os grandes encontros em que se reúnem enormes multidões e muitos sacerdotes, e que são encerrados com missa concelebrada. Certamente, essa prática concelebratória pode suscitar questionamentos e ajudar o sacerdote a ser homem de Deus.

O último capítulo comenta um dos ofícios do sacerdote, que é a celebração da Eucaristia. Para celebrar o mistério do sacrifício, o sacerdote tem que ter uma intenção, seja atual, virtual ou habitual. A intenção da missa é, acima de tudo, celebrar a Deus, que nos sal-

vou em Cristo e nos santificou pelo Espírito Santo. Mesmo quando pedimos a mediação de Nossa Senhora e dos santos junto a Cristo, sempre celebramos as maravilhas que Deus fez na vida deles. Nas solenidades de Nossa Senhora e dos santos, as orações são sempre nesse sentido, mesmo que falem sobre os méritos e as virtudes.

IDENTIDADE SACERDOTAL

Introdução

A *Identidade Sacerdotal* é um tema fundamental para o exercício do sacerdócio ministerial no momento presente e importantíssimo para as transformações que se projetam no futuro. A questão Identidade Sacerdotal diz respeito à consciência sacerdotal contemporânea, mas sofre as consequências e incertezas da identidade como realidade psicológica do ser humano atual.

A Identidade Sacerdotal pode ser descrita como um conjunto de caracteres próprios e exclusivos do exercício sacerdotal.

O vocacionado ao sacerdócio, e que é ordenado, tem a tarefa de criar sua identidade sacerdotal na interação com a comunidade eclesial, a partir de sua missão e de seu serviço a ela. Nesse sentido, sua vida se torna também sinal de quem se consagrou a Deus com todo seu ser, embora não se dispense esforço para, aos poucos, fazer transparecer mais nitidamente o rosto de Jesus em seu semblante e no modo de atuar junto aos que estão sob sua responsabilidade sacerdotal.

O sacerdote encontra sua “razão se ser” na união vital e operacional (seria melhor dizer sacramental) da Igreja com Cristo. Nesse sentido, a identidade sacerdotal deriva desta participação específica no sacerdócio de Cristo. O padre vai se tornando Igreja e para a Igreja imagem real, viva e transparente de Cristo sacerdote. É, pois, resultado de sua efetiva atuação sacramental de Cristo Cabeça e Pastor.

O processo de dessacralização que invadiu a instituição sacerdotal tem um caráter ambíguo. Demoliu a dimensão sacral que se tornava visível através de sinais externos como o hábito sacro. Sem dúvida, isso arrancou do coração de muitos a sagrada reverência que se deve à própria pessoa. O forte processo de laicização acabou por levar, às vezes, à audácia e à temeridade de atitudes impróprias e de

comportamentos ilícitos. As motivações que levam a isso suscitam em nós certamente reverência e compaixão, mas nos proporcionam uma dor imensa.¹

Contudo, não se pode negar que contribuiu também para que o sacerdote se fizesse mais próximo à real vida dos fiéis e mais sensível às dificuldades reais que eles enfrentam diariamente.

O Papa Bento XVI, quando era Cardeal, em Retiro para a Casa Pontifícia, fazendo uma “Meditação sobre o Sacerdócio”, constatou que

“[...] nos últimos anos tem-se refletido muito sobre o sacerdócio e também tem havido muitas polêmicas. Nessas discussões, ele saiu cada vez mais reforçado pelos muitos e apressados argumentos mediante os quais se procurou eliminá-lo como sacralização mal-entendida para o substituir por simples serviços temporários de carácter funcional”.

De fato, pode-se cair na tendência de se querer equiparar o ministério sacerdotal a simples serviço, até mesmo temporário, de caráter meramente funcional. Em outros termos, podemos aderir à tendência de equiparar o ministério sacerdotal como simples profissão secular, para cujo exercício são suficientes a especialização teológica e a tecnologia pastoral².

Para aprofundar nossa compreensão sobre a identidade sacerdotal somos chamados a um alerta de Bento XVI, no início de seu pontificado:

“O sacerdote redescobre e vive profundamente a sua identidade quando se decide a não antepor nada ao amor de Cristo e a fazer dele o centro da própria vida”. Somos chamados a “retornar sempre de novo à raiz do nosso sacerdócio. Esta raiz, como bem sabemos, é uma só: Jesus Cristo Senhor.”³

Uma maneira para avivar a própria identidade sacerdotal é fazer memória da ordenação sacerdotal, segundo a exortação de Paulo a Timóteo: “*Exorto-te a reavivar o dom espiritual que Deus depositou em ti pela imposição das minhas mãos*” (2Tm 1,6).

A cerimônia de uma ordenação sacerdotal está entre as mais lindas da liturgia. As pessoas ficam às vezes impressionadas com deter-

minadas partes, que por sua natureza são, na verdade, emocionantes.

Receio que até mesmo ao ordenando possa escapar o elemento essencial da ordenação sacerdotal, que vem envolvido pelos gestos centrais da imposição das mãos, da oração consecratória e da unção das mãos.

Quando o ordenando entende bem toda a profundidade do sentido da ordenação, passa a ver em sua própria ordenação a força e a razão de sua perseverança como ministro do Senhor.⁴

Antes da imposição das mãos, da oração consecratória e da unção das mãos, o rito de ordenação pede o diálogo do bispo com o ordenando. Esse diálogo com o bispo ordenante, presença visível de Cristo na Igreja e, ao mesmo tempo, sinal da unidade na Igreja, é que desvela o mistério do caráter sacramental. Pois toda a comunidade escuta as palavras mais importantes do ordenando, pelas quais se processa uma transformação de toda a sua vida: “Sim, eu quero!”⁵

A Igreja, na sua materna sabedoria, sempre nos ensinou que o ministério nasce a partir do encontro de duas liberdades: a divina, que chama, e a humana, que responde. Se, por um lado, devemos sempre recordar-nos que “ninguém pode arrogar-se tal encargo – é-se chamado a ele por Deus” –,⁶ por outro, evidentemente, é sempre um “eu humano cristão” com as suas qualidades e com os próprios limites que responde ao chamando divino.

No diálogo em que o ordenando dá uma resposta positiva, o que se pergunta é se ele quer “*exercer o ministério sacerdotal por toda a vida, colaborando com o Bispo no serviço ao Povo de Deus, guiado pelo Espírito Santo?*”.

A resposta, livre e consciente, fundamenta-se em um ato explícito da vontade que deve ser continuamente iluminado pelo juízo da razão e sustentado pela liberdade, para que não se transforme em voluntarismo estéril e, com o passar do tempo, em infidelidade.

Neste momento o ordenando assume o compromisso de seu

⁴ J.B. OLIVER FARIA. *Homilia*, na ordenação Sacerdotal do Pe. Edson Oriolo, 5 de maio de 1990, em Itajubá.

⁵ *Idem*.

⁶ *Catecismo Igreja Católica*, 1578.

unir-se cada vez mais ao Cristo, Sacerdote da Nova Aliança. É um processo contínuo e sem limites entre o amor do homem e o amor de Deus. Não há limites ao amor de Cristo que o recebe e o acolhe como discípulo e como irmão, bem como há um apelo a que o sacerdote atue como Cirineu, com a missão de ser sacerdote, profeta e pastor.⁷

O compromisso que assume é “para toda a vida” e, portanto, não está relacionado, de forma mais ou menos evidente, a entusiasmo e gratificações, nem muito menos a compensações sentimentais.

Trata-se de um compromisso de buscar unir-se à pessoa de Cristo. O ordenando vai adquirindo a consciência de imolar-se com Cristo. Consciência que é posta à prova quando, amanhã, se sentir incompreendido pelo povo ao qual serve; quando experimentar a flagelação da maledicência e da calúnia; quando a coroa de espinhos da injustiça for impingida pela ingratidão e incompreensão, ou quando a pesada cruz do silêncio for imposta por ter-se que calar, mesmo tendo mil argumentos para se defender.

Nesta hora, o sacerdote há de saber que tudo isto é apenas o resultado de ter se unido ao Cristo que se imolou por nós! E com Cristo e como o Cristo, o padre saberá se renovar nesta entrega ao Pai.⁸

Para ratificar este diálogo de amor e liberdade, o bispo impõe as mãos e reza a oração consecratória.

Por meio da imposição das mãos e da oração consecratória por parte do bispo, não só é ratificado o diálogo de amor e liberdade, como se estabelece no presbitério “um vínculo ontológico específico que une o sacerdote a Cristo, Bom Pastor”.⁹

Ao tornar-se uma pessoa consagrada pela imposição das mãos e a oração consecratória do bispo, o sacerdote qualifica-se pela graça recebida a dinamizar a atuação do Mistério transcendente e sobrenatural para a vida da comunidade. É elevado para além de seus limites humanos para potencializar o mistério sacramental para a vida do mundo.

Na cerimônia da ordenação, o bispo impõe as mãos, em silêncio, sobre a cabeça do neossacerdote, bem como todos os sacerdotes pre-

⁷ Cf. nota 5.

⁸ Idem.

⁹ SÃO JOÃO PAULO II, *Pastores Dabo Vobis*, 11.

sentes. Tal gesto tem a força simbólica de caracterizar a unidade sacerdotal que se transmite de geração em geração e remonta aos apóstolos, o que o próprio Cristo, no tempo de sua humanidade visível, quis associar à sua vida e à sua missão, cujo caráter sacerdotal é o de tornar visível a glória invisível de Deus e a sua presença atuante no mundo.

A imposição solene das mãos explicada pela palavra, num amplo e grandioso prefácio, é, pois, o sacramento do sacerdócio ministerial.

Na realidade, o efeito da imposição das mãos na ordenação é dar início a um processo de plenificação do ser cristão do neossacerdote. Por força de uma graça divina e não por mérito próprio, sua configuração a Cristo consiste em mediar uma presença específica de Cristo. Instrumento livre, que em si mesmo, não é dotado de força particular, mas através do qual Cristo age. Representante de Cristo para ajudar os outros a caminharem frente às dificuldades da vida e aos problemas do mundo.

O rito da unção das mãos permite-nos fazer memória do central momento histórico da vida dos sacerdotes: o dia da ordenação sacerdotal:

“Quando o bispo, na ordenação ungiu as mãos do candidato ajoelhado, atento observou como o óleo se espalhava, exalando seu perfume balsâmico e tão característico. Depois ele uniu suas mãos em posição orante e as atou com uma fita. Suas mãos foram consagradas, fechadas para as coisas do mundo e para qualquer amor exclusivo. Vocês levantaram, foram até seus pais. Suas mães, então emocionadas, desataram os laços daquela fita, abrindo suas mãos para a exclusividade de um amor que só poderia ser o de Deus. Elas desataram suas mãos para batizar, transmitindo às crianças a vida de Deus, para consagrar as espécies eucarísticas, para perdoar, para abençoar as pessoas, seus pertences e realizações; para abençoar o amor matrimonial, para, enfim, ungiu as mãos frágeis dos enfermos, na esperança da saúde”¹⁰

O sacerdócio ministerial, portanto, fundamenta-se no caráter impresso pelo sacramento da ordem, que o configura a Cristo-Sacerdote, de modo a poder agir na pessoa de Cristo Cabeça com a sagrada potestade de ser mediador da memória viva do amor, que dá a vida

¹⁰ J.B. OLIVER DE FARIA, *Homilia da quinta-feira Santa*, Diamantina, 2010.

(Eucaristia), e do amor que perdoa os pecados (Reconciliação).¹¹

O sacerdócio ministerial é um dom e, como dom instituído por Cristo, visa continuar sua missão salvífica. Esta foi conferida inicialmente aos apóstolos e hoje tem sua continuidade na comunidade eclesial através dos bispos e seus presbíteros.¹²

A configuração a Cristo, mediante a consagração sacramental, define o sacerdote no seio do Povo de Deus, fazendo-o participar a seu modo do poder santificador, de magisterial e pastoral do próprio Jesus Cristo, Cabeça e Pastor da Igreja.

Na ordenação, o sacerdote recebe o selo do Espírito Santo, que faz dele um homem assinalado com o caráter sacramental, para ser para sempre ministro de Cristo e da Igreja. Assim sendo, no sacramento da ordem, o sacerdote recebe o caráter sacerdotal, passa a ser *Alter Christi* e agir em *Persona Christi*.

Pela unção o sacerdote, *Alter Christi*, é na Igreja o ministro das ações salvíficas essenciais. Por seu poder de agir *in persona Christi*, consagra o pão e o vinho em memória sacramental do Redentor, anuncia “como quem tem autoridade” a boa nova do Evangelho, reconcilia o fiel pecador mediante o perdão sacramental, enfim, torna presente a fonte de vida e vitalidade da Igreja em sua paróquia. O sacerdote não é a fonte desta vida espiritual, mas aquele que a distribui a todo o povo de Deus. É servo que, na unção do Espírito, tem acesso ao santuário sacramental: Cristo crucificado (cf. Jo 19,31-37) e Ressuscitado (cf. Jo 20,20-23), do qual brota a salvação.¹³

1. Caráter Sacerdotal

Na ordenação sacerdotal, o sacerdote recebeu o selo do Espírito Santo, que fez dele um homem assinalado com o caráter sacramental, para ser, para sempre ministro de Cristo e da Igreja.

A identidade sacerdotal – escreveram os padres sinodais –, como toda e qualquer identidade cristã, encontra na Santíssima Trindade a sua própria fonte.¹⁴

¹¹ O Presbítero, Pastor e Guia da Comunidade Paroquial, 6.

¹² Congregação para o Clero. Diretório para o Ministério e a vida do presbítero, 1994, p. 8

¹³ O Presbítero, Pastor e Guia da Comunidade Paroquial, 8.

¹⁴ PDV, 12.